

CORPOS INDÓCEIS: REFLEXÕES ACERCA DA CORPOREIDADE NEGRA NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Andréia Ribeiro Cunha¹

230

Resumo. A presente pesquisa visa construir um debate teórico acerca do corpo e corporeidades negras nas metrópoles brasileiras, diante das ausências e marcas coloniais inscritas na cidade do Rio de Janeiro. Aliadas a noção de corpo contida na filosofia de Merleau-Ponty, esta análise verifica como o corpo se configura enquanto elemento central nas experiências do mundo vivido e estabelece interações com o lugar que estão na própria base da existência humana apresenta as hostilidades e violências que recaem sobre o corpo negro. Elaboramos um esforço de contribuição voltado para pensar a cidade do Rio de Janeiro de forma enegrecida, relacionando os povos negros com as novas dinâmicas sociais e culturais inseridas nestes espaços. Para tal, caracterizamos o samba como um dos elementos de resistência cultural e leitura das implicações do processo afrodiaspórico e valorização cultural negra.

Palavras-chave: Corpo; Corporeidade; Raça; Metrópole.

INDOCEABLE BODIES: REFLECTIONS ABOUT BLACK CORPOREITY IN THE CITY OF RIO DE JANEIRO

Abstract. This research aims to build a theoretical debate about the black body and corporealities in Brazilian cities, in the face of absences and colonial marks inscribed in the city of Rio de Janeiro. Combined with the notion of body contained in the philosophy of Merleau-Ponty, this analysis verifies how the body is configured as central element in the experiences of the lived world and establishes interactions with the place that are at the very basis of human existence and presents the hostilities and violence that fall on the black body. We made a contribution effort aimed at thinking about the city of Rio de Janeiro in a blackened way, relating black people with the new social and cultural dynamics inserted in these spaces. To this end, we characterize samba as one of the elements of cultural resistance and reading of the implications of the aphrodisporic process and black cultural valorization.

¹ Mestre em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e professora da Rede Estadual do Rio de Janeiro. E-mail: deia2cunha@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0003-4499-5903>

Cunha, *Corpos indóceis: reflexões acerca da corporeidade negra na cidade do Rio de Janeiro*

Keywords: Body; Corporeality; Breed; Metropolis

**CUERPOS INDOCEABLES: REFLEXIONES SOBRE BLACK CORPOREITY
EN LA CIUDAD DE RIO DE JANEIRO**

Resumen. Esta investigación tiene como objetivo construir un debate teórico sobre el cuerpo negro y las corporealidades en las ciudades brasileñas, frente a las ausencias y las marcas coloniales inscritas en la ciudad de Río de Janeiro. Combinado con la noción de cuerpo contenida en la filosofía Merleau-Ponty, este análisis verifica cómo el cuerpo se configura como elemento central en experiencias del mundo vivido y establece interacciones con el lugar que son la base misma de la existencia humana, presentando las hostilidades y la violencia que recaen sobre el cuerpo negro. Hicimos un esfuerzo de contribución orientado a pensar la ciudad de Río de Janeiro de manera ennegrecida, relacionando a los negros con las nuevas dinámicas sociales y culturales insertadas en estos espacios. Para ello, caracterizamos la samba como uno de los elementos de la resistencia cultural y la lectura de las implicaciones del proceso afrodiaspórico y la valorización cultural negra.

Palabras llave: Cuerpo; Corporalidad; Raza; Metrópolis.

Introdução

“Nosso tempo é especialista em criar ausências”. Iniciamos nossa reflexão com esta afirmação do líder indígena Ailton Krenak (2020, p.26) que nos remete diretamente a ponderações acerca das diferentes formas de desigualdades inscritas nos espaços das metrópoles brasileiras. A padronização das formas e funções, suas dinâmicas próprias e, principalmente, seu acúmulo de ausências têm determinado as formas de apropriação do urbano, o sentido de viver em sociedade e o próprio sentido da experiência da vida.

O cotidiano urbano das grandes metrópoles dificilmente nos possibilita um olhar mais atento sobre a história grafada na geografia das cidades. Mediante uma observação mais precisa e sensível podemos verificar traços da história negra que atravessam diferentes tempos e se fazem presentes na contemporaneidade. Marcas estas construídas diante da subalternização, exploração e epistemicídios de povos negros,

Cunha, *Corpos indóceis: reflexões acerca da corporeidade negra na cidade do Rio de Janeiro*

mas que também são representantes e símbolos de resistência da herança gerados pela diáspora africana.

Ao abordarmos a temática da negritude no Brasil é notório que os signos e valores criados no sistema colonial escravocrata brasileiro permanecem sendo recriados, remodelados, vivos e presentes nas relações sociais por meio de diferentes formas de discriminação étnica ao longo dos períodos históricos, interferindo nas diferentes e múltiplas formas de experiências e apropriações urbanas. Conjuntura que anuncia a constante emergência dos debates acerca das questões raciais na esfera pública.

O passado se torna presente e estabelece o grau de apropriação e inserção que um ser terá na sociedade. Ele determina a espacialidade e o tratamento conferido aos sujeitos na metrópole. Mediante a naturalização de estruturas e imposições socialmente enraizadas e diariamente vivenciadas pelos corpos, a história de cada corpo irá delimitar as formas corporais cotidianas e as corporeidades que serão circunscritas na metrópole.

A presente pesquisa tem como objetivo principal a construção de um debate teórico acerca do corpo e corporeidades do negro nas metrópoles mediante atos de resistência e reexistência no processo afrodiaspórico. Nos propomos a analisar tal campo com intuito de compreender as ausências implantadas nas metrópoles mediante o reconhecimento de marcas da colonialidade arraigadas na sociedade brasileira. Elaboramos um esforço de contribuição voltado para pensar a cidade do Rio de Janeiro de forma enegrecida, relacionando os povos negros com as novas dinâmicas sociais e culturais inseridas nestes espaços.

Diante de projetos colonizadores baseados em processos de dominação e classificação social, nosso primeiro objetivo é verificar como o corpo é configurado enquanto elemento central nas experiências do mundo vivido e estabelece interações com o lugar que estão na própria base da existência humana. Como ele se configura enquanto espaço dotado de sentimentos, afetividades, que é afetado pelo outro e pelas vivências espaciais a que estão diretamente articulados. Assim como, o mesmo auxilia na construção de distintas táticas de resistência fundamentadas nas imposições que lhes são atribuídas.

Cunha, *Corpos indóceis: reflexões acerca da corporeidade negra na cidade do Rio de Janeiro*

No segundo momento, nos propomos a reconhecer e investigar as adversidades enfrentadas pelos corpos negros nas metrópoles e a gestão racista que se estabelece. Buscamos identificar de que maneira estes corpos estão situados, e como se situam diante da inferioridade que se espelha na estrutura ocupacional das cidades e na vivência do urbano. Do mesmo modo que, as diferentes formas de apropriação do espaço pelos corpos negros diante da divisão geográfica que herda traços do sistema colonial.

Por fim, nos debruçamos sobre a análise do corpo e das corporeidades negras. Em tal contexto hostil e segregador o corpo é configurado enquanto principal meio de ligação do ser com o mundo. Nos centramos na busca do corpo negro enquanto estratégia de resistência e reexistência diante de um projeto colonial que permanece se reproduzindo e remodelando mediante o racismo perpetuado socialmente e dos elementos culturais inseridos neste processo. Para tal, caracterizamos o samba como um dos elementos de resistência cultural e leitura das implicações do processo afrodiaspórico e valorização cultural negra.

Percebendo o mundo: concepções teóricas acerca do corpo e do lugar

O reconhecimento do corpo e da corporeidade negra se faz de extrema importância para os estudos geográficos na compreensão das práticas e táticas negras de apropriação e subversão social. Os corpos africanos e afrodiaspóricos enegreceram² e modificaram os espaços geográficos brasileiros deixando suas marcas na paisagem mediante suas recriações culturais, pelas relações econômicas e políticas (GUIMARÃES, 2015).

Destacamos aqui como maior legado cultural, para além da memória e herança material negra registrada na paisagem das cidades, a representação da singularidade da presença negra, o próprio corpo. Os movimentos, as corporeidades e a existência em si se constituem como central nesta análise. O corpo é o meio pelo qual o sujeito percebe o

² Utilizamos o termo enegrecido seguindo os preceitos de Guimarães (2019) ao afirmar que antes da diáspora africana a população era indígena. O Brasil passou por um processo de enegrecimento, e diante disto o território brasileiro, especificamente o Rio de Janeiro, gerou uma cidade negra.

Cunha, *Corpos indóceis: reflexões acerca da corporeidade negra na cidade do Rio de Janeiro*

mundo e sua própria existência, se configurando enquanto sujeito e objeto da experiência dos lugares. Sendo um importante elemento geográfico que caracteriza o lugar como experiência corporalizada.

O corpo e seu modo de ser que, diariamente, sofrem com os significados a eles atribuídos são tidos como espaços de luta, lócus da ancestralidade, memória, conhecimento e lugar. Portanto, “Se o corpo pode simbolizar a existência, é porque a realiza e porque é sua atualidade” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 227). Assim sendo, a experiência da existência ocorre com base na corporeidade, no vivido. À vista disso, diversas são as questões que atravessam o corpo negro. São seus signos e representações que dão teor as relações sociais, e influenciam como cada sujeito será situado dentro da sociedade. Destacamos aqui traços históricos que ultrapassam o espaço e são identificados nos corpos que se configuram enquanto lugares de memória e resistência negra (CIRQUEIRA, 2010; GUIMARÃES, 2018).

As marcas negras que são geradas no espaço, consequência das ações e lugares de resistência, dão origem a diferentes lugares. Dessa forma, o corpo pode ser compreendido espacialmente “acrescido às paisagens culturais expressas pela materialização das experiências vividas valorizando as representações ideológicas e considerando-as centrais em todo o processo de formação espacial” (GUIMARÃES, 2018, p. 107). Logo, as relações raciais são inscritas no espaço, criando e recriando novos espaços. Questões que nos levam a pensar o espaço geográfico brasileiro e o corpo negro mediante a tríade estabelecida por Milton Santos individualidade, corporeidade e cidadania. Na qual, a individualidade está ligada ao corpo enquanto materialidade, um dado objetivo; a corporeidade apresenta o auto-reconhecimento enquanto indivíduo e a consciência crítica perante a sociedade; e a individualidade faz referência aos direitos políticos dos indivíduos em uma sociedade democrática (CIRQUEIRA, 2010). Em uma sociedade como a brasileira, que possui resquícios de valores oriundos do período escravista, é notória a sobreposição da corporeidade negra em relação a individualidade.

Cunha, *Corpos indóceis: reflexões acerca da corporeidade negra na cidade do Rio de Janeiro*

As marcas da história permeada por rupturas dos seus lugares de origem são inscritas nos corpos. Elas fizeram com que grupos negros escravizados buscassem diferentes formas de sobrevivência e perpetuação dos seus laços ancestrais a partir das relações que eram estabelecidas com o novo, o desconhecido. Nesse sentido, o corpo possibilita o conhecimento do mundo e da sua própria existência diante dessas alternativas de sobrevivência e apropriações criadas, mediante sua própria corporeidade.

Em diálogo com Merleau-Ponty (1999) estabelecemos um olhar sobre o corpo que o caracteriza para além de um objeto, meio pelo qual o sujeito conhece o mundo e sua própria existência por meio da sua corporeidade.

Se nosso corpo não nos impõe, como o faz ao animal, instintos definidos desde o nascimento, pelo menos é ele que dá à nossa vida a forma da generalidade e que prolonga nossos atos pessoais em disposições estáveis. Nesse sentido, nossa natureza não é um velho costume, já que o costume pressupõe a forma de passividade da natureza. O corpo é nosso meio geral de ter um mundo. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 202-203)

Nesta perspectiva o corpo se configura como o responsável pela percepção do mundo, de cada sujeito e da sua existência. Dessa maneira, “[...] não é possível haver a existência do corpo e da vida sem o espaço e os seus componentes, como não é possível existir o espaço, lugar, paisagem ou outro atributo que permite a ação humana, sem a experiência humana” (CHAVEIRO, 2014, p.250). O corpo aqui se constitui enquanto território-memória pelo qual os africanos e africanas tiveram a possibilidade de sobreviver, criar novos caminhos para a libertação. Este, para além dos aspectos físico-naturais, é portador de memória e de sentido (CIRQUEIRA, 2010).

Os valores subjetivos e concretos concentrados no lugar são vividos e sentidos pelo corpo. Este, juntamente com o lugar, apresenta uma indissociabilidade gerada por meio da corporeidade. Neste caso, o lugar é caracterizado como experiência corporificada. Desta forma, tratamos aqui dos lugares vividos, fenômenos da existência humana, que emergem da afetividade, dotados de valor, que se constituem a partir das vivências cotidianas, ligados, impregnados e recortados pelas experiências dos sujeitos, sejam

Cunha, *Corpos indóceis: reflexões acerca da corporeidade negra na cidade do Rio de Janeiro*

elas passadas e presentes (TUAN, 1983; MELLO, 1991, 2011, 2014; RELPH, 2014; SERPA, 2019; HOLZER, 2003, 2014). O lugar é entendido como um espaço imbuído de significados para seres singulares ou coletivos, dessa maneira: “Os lugares são centros aos quais atribuímos valor” (TUAN, 1983, p. 4), sendo seu sentido implicado diretamente com o sentido da vida. Tal construção de sentidos dotados pelo lugar e pessoas que o habitam se daria por meio da experiência. Por meio da vivência, o espaço ganharia significados e se configuraria como um lugar (TUAN, 1983).

A experiência é o veículo pelo qual os sujeitos conhecem e transformam sua realidade, caracterizada pela capacidade que os seres possuem de aprender a partir da própria vivência, do ato de viver. Ligada a capacidade que possuímos de atuar sobre um dado e criar a partir dele, vencer os perigos, se aventurar pelo desconhecido e experimentar o ilusório e incerto (TUAN, 1983). Esta experiência é composta e perpassa os sentimentos e pensamentos, assim como todas as ações humanas são permeadas pelo subjetivo. Significados pela experiência, os lugares constituem-se como a base de nossa experiência no mundo (MARANDOLA JR., 2014). Visto que o lugar é onde nos relacionamos com o mundo e ele se relaciona conosco. Os acontecimentos de um lugar fazem parte de alguma maneira de processos que implicam o mundo todo, é existencial e ontológico (RELPH, 2014).

Com base nessas reflexões destacamos o corpo como uma esfera discursiva, que carrega experiência do vivido, ponto principal de construção das experiências espaciais dos sujeitos, um espaço investido de corporeidade (MERLEAU-PONTY, 1999). Adicionamos o pensamento de Claval (2002), de que a experiência do lugar se faz através do corpo, a ideia de que a experiência corporal é única e transformada de acordo com a raça, gênero e classe do sujeito. Isto posto, o corpo se constitui enquanto abrigo das problemáticas cotidianas e dos conflitos gerados por essas categorias. Logo, “O corpo é a propriedade pela qual o sujeito pode fundar a sua extrema singularidade, registrar na carne a sua história na linha de contato e de intersecção com a história do mundo e dos lugares” (CHAVEIRO, 2014, p.250). E para tal, a corporeidade se faz necessária na investigação

Cunha, *Corpos indóceis: reflexões acerca da corporeidade negra na cidade do Rio de Janeiro*

dos lugares de perpetuação e resistência da ancestralidade e memória dos corpos negros em diáspora.

O corpo é entendido aqui de maneira ampla, não como um objeto ordinário, que ocupa um local abstrato, mas que assume papel central nas experiências do mundo vivido e estabelece interações com o lugar que estão na própria base da existência humana (CHAVEIRO, 2014). É a partir do corpo que são fundadas as relações sensitivas e perceptuais que nos ligam à terra (MERLEAU-PONTY, 1999). O corpo se caracteriza enquanto lugar de conhecimento e experiência imbuído de relações sensíveis.

Diante de tais reflexões, a vinculação direta do processo de colonização e escravização do corpo negro faz com que este se constitua enquanto um construtor de lugares. A história dos ancestrais africanos mantida na inscrição dos corpos negros e seus rearranjos espaciais se configuram enquanto resistências que perpassam o cotidiano das cidades e os aspectos socioculturais do país.

A hostilidade metropolitana diante do corpo negro

É sabido que diferentes sociedades buscaram dominar lugares e corpos em distintos tempos históricos, os classificando e os controlando por meio de artifícios de subordinação. Identidades foram criadas por projetos colonizadores, as populações estavam sujeitas a classificações de acordo com sua raça e identidade racial. Os colonizadores codificaram como cor os traços fenotípicos dos colonizados e atribuíram a ela a característica representativa da categoria racial. A noção de raça foi uma forma de conferir legitimidade às relações de dominação impostas pelas conquistas, sendo este

[...] o mais eficaz e durável instrumento de dominação social universal, pois dele passou a depender outro igualmente universal, no entanto mais antigo, o intersexual ou de gênero: os povos conquistados e dominados foram postos numa situação natural de inferioridade, e conseqüentemente também seus traços fenotípicos, bem como suas descobertas mentais e culturais. (QUIJANO, 2005, p.118)

Cunha, *Corpos indóceis: reflexões acerca da corporeidade negra na cidade do Rio de Janeiro*

O que deu origem a hierarquizações, segregações e violência produzidas e propagadas pela colonialidade. Contexto em que o negro que é entendido como um problema e obstáculo social a ser superado, sendo levado as formas de violência mais extremas que a sociedade pode exercer sobre o concreto e subjetivo dos sujeitos.

O racismo estrutural da sociedade brasileira se manifesta através de inúmeras facetas, muita das vezes impedindo vivências e experiências da negritude, que geram modos de agir e pensar restrito à esfera pública. Estes modos nada mais são do que correspondentes ao padrão de sujeitos brancos que buscam a instituição do padrão eurocêntrico. Modelo único socialmente aceito em determinadas esferas do urbano.

A presença do racismo no cotidiano das sociedades urbanas, seja em imposições estabelecidas no vocabulário, gestos ou comportamentos. Está presente em ações que excluem os negros e sua ancestralidade, os desumanizam e os caracterizam como o outro. O outro que é objetificado deve ser atacado e destruído. A problemática que se apresenta é a de que o corpo negro vive o cotidiano das metrópoles de forma sitiada, constantemente exposto aos perigos da vida urbana.

A inferioridade designada ao negro é percebida na produção e divisão social de classes. Em diálogo com Fanon (2008) observamos que as questões raciais e as relacionadas a divisão social do trabalho se estruturam como mecanismos que classificam os sujeitos como superiores ou inferiores. O paternalismo colonial é reproduzido no cotidiano urbano, mantendo o negro inferiorizado e invisibilizado, sendo que “No caso do negro, nada é parecido. Ele não tem cultura, não tem civilização, nem ‘um longo passado histórico’” (FANON, 2008, p.46), sua cultura e ancestralidade são destituídas e embranquecidas.

As diferenças implantadas a partir de heranças da história colonial criam um espaço geográfico dividido e compartimentado entre o colono e o colonizado, entre o branco e o negro, zonas opostas baseadas na exclusão. Os espaços que abrigam o colono, o branco, é a cidade em que há a concentração das coisas boas, onde estão concentrados os serviços e seus acessos, uma cidade de brancos. A cidade do colonizado, o negro, é a das faltas, espaços das ausências, hoje caracterizada pelas periferias e favelas. A

Cunha, Corpos ináceis: reflexões acerca da corporeidade negra na cidade do Rio de Janeiro

realidade colonial sobrevive nas desigualdades, nos modos de vida que são perpetuados pela contemporaneidade (FANON, 1968).

A metrópole, caracterizada como espaço de desigualdades, conflitos e marcada pelo seu uso seletivo, concentram e tornam mais visíveis as diferenças de apropriação e existência. O urbano e sua gestão racista, classista e sexista, se configura como um mecanismo de controle e instituidor de uma ordem socioespacial. Nesta lógica, o corpo negro é tido como um problema social aos olhos do racismo brasileiro. Este condiciona as formas com que os negros vivem e se apropriam do espaço metropolitano. Os objetos espaciais são marcados por intencionalidades racistas, a apropriação e uso do espaço ocorrem mediante a difusão de comportamentos raciais. O racismo anti-negro condiciona, interdita e intercede racialmente a produção social do espaço (OLIVEIRA, 2019).

As incertezas que rondam o corpo negro fazem com que o homem de cor encontre dificuldades para elaborar seu esquema corporal no mundo branco, já que para o homem negro, abaixo do esquema corporal há que se perceber um esquema histórico-racial (FANON, 2008). Conseqüentemente, a cidade se torna um local da insegurança e desconforto para os corpos negros. O negro permanece fixado pelo branco na zona do não-ser instituída por Fanon (2008). Invisibilizações, segregações e ausências fazem parte do cotidiano instaurado sobre dos corpos negros. Ele é objetificado, não é humanizado, assim como também não é considerado um ser. O que valida a morte destes corpos em determinados espaços. Vidas são desumanizadas abrindo caminho para a implementação da política de mortes.

O ser negro é pré-determinado e permeado pelas ausências e pelas faltas, por este motivo inferiorizado, oprimido, segregado e exterminado. Justificando o extermínio diário e a necessidade do embranquecimento populacional baseados em práticas eugenistas. O sepultamento das formas de se ver e de se relacionar com o mundo são gerados pela necropolítica, política racista que produz a morte material e simbólica. Que exerce extermínio no campo físico, e se articula para estigmatizar, marginalizar e deformar o que é oriundo das culturas afrodiáspóricas (MBEMBE, 2018).

Cunha, *Corpos indóceis: reflexões acerca da corporeidade negra na cidade do Rio de Janeiro*

No cotidiano em que as práticas sociais e as diferentes relações de forças e lutas entre dominantes e dominados, entre os brancos e negros, ocorrem, o racista cria o inferiorizado. O negro foi inventado como corpo desprovido de razão e para manter-se no seu lugar racialmente definido (FANON, 2008; OLIVEIRA, 2019). O padrão corporal a ser seguido e perpetuado é o branco, “Os olhos do homem branco destroçam o corpo do homem negro e nesse ato de violência epistemológica seu próprio quadro de referência é transgredido, seu campo de visão perturbado.” (BHABHA, 1998, p.73).

Ser negro em uma sociedade de longa tradição escravocrata faz com que a corporalidade que marca o negro e as inscrições da história no seu corpo determinem os usos que ele fará do espaço. Os africanos enegreceram e transformaram os espaços geográficos, na cidade do Rio de Janeiro, mediante suas criações culturais, políticas e econômicas. Entretanto não possuem sua espacialidade percebida e o seu uso da cidade garantidos. Vivendo segregados e limitados aos espaços impostos que sempre foram desprivilegiados e invisibilizados socialmente (GUIMARÃES, 2019).

Uma manifestação desse ambiente hostil que é criado para o corpo negro são os índices de violência letal que recaem sobre os sujeitos negros no Brasil. As principais vítimas de homicídios na contemporaneidade são os jovens negros. Vítimas que veem esses números crescerem de forma vertiginosa ao longo dos anos, ao passo que observa-se a redução dessa estatística quando tratamos dos índices de mortalidade entre os brancos, apresentando grande disparidade, segundo o Atlas da Violência de 2020³.

A desigualdade racial demonstra sua profundidade e faceta colonial quando analisamos os dados codificados referentes a última década. No intervalo entre os anos de 2008 e 2018, as taxas de homicídio expôs um aumento de 11,5% para os negros, sendo que para os indivíduos brancos houve uma redução de 12,9% (INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA, 2020). Dessa forma, a chance que um jovem negro possui de

³ Segundo o Atlas da Violência de 2020, os negros, pretos e pardos, representaram no ano de 2018 75,7% das vítimas de homicídios, chegando a uma taxa de 100 mil habitantes de 37,8. Medida que, entre os não negros, brancos, amarelos e indígenas, a taxa foi de 13,9. Além disso, foi verificado que entre 2017 e 2018 houve uma taxa de redução de homicídios em 12%, abarcando em sua maioria a população não negra. O grupo de não negros, teve uma diminuição da taxa de homicídios de 13,2%, ao passo que entre negros foi de 12,2%.

Cunha, *Corpos indóceis: reflexões acerca da corporeidade negra na cidade do Rio de Janeiro*

ser vítima de assassinato é superior a um jovem branco. Assim sendo, um corpo negro é extremamente mais vulnerável a sofrer algum tipo de violência no contexto urbano brasileiro do que um não negro. São corpos que compartilham do mesmo espaço, em determinados momentos, mas recebem julgamento e sentenças diferentes.

Delimitações geográficas são instituídas e demarcadas entre corpos negros e brancos, “‘raça’ pode ser usada como uma orientação geográfica ou até mesmo como um marco territorial” (KILOMBA, 2019, p.167). O racismo cotidiano é estabelecido diante dos espaços determinados e regulados que podem ser utilizados e vivenciados por corpos negros. Fronteiras visíveis e invisíveis são impostas para as populações negras, que não podem ultrapassar o território branco para não contaminá-lo. Portanto, as geografias são criadas por sujeitos brancos que confinam os corpos negros em áreas delimitadas por eles (KILOMBA, 2019).

A segregação se constitui como uma das expressões do racismo, uma estratégia que garante a manutenção da supremacia branca. Logo,

[...] o fim do colonialismo cessa a dominação territorial, entretanto para além do território geográfico em termos estritos, o colonialismo permanece como que reinventado enquanto colonialidade, amparando-se “na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular” e operando de forma efetiva “em cada um dos planos, meios e dimensões, materiais e subjetivos, da existência social cotidiana e da escala societal. (QUIJANO, 2010, p. 84)

Os sujeitos negros são marginalizadas para não entrarem em contato com os recursos dos brancos, garantindo o controle político e a exploração econômica. A cor inscrita na pele vai determinar quais espaços serão acessados por determinados sujeitos.

Os desenhos geográficos desencadeados pelo etnocentrismo, preconceito e desigualdade racial, afastam os sujeitos que auxiliaram na construção das cidades. Estes são direcionados para localidades segregadas e marginalizadas. As metrópoles brasileiras, caracterizadas historicamente por excluir, segregar e fragmentar os grupos constituintes de sua malha social – o que resulta na desigual apropriação dos

Cunha, *Corpos indóceis: reflexões acerca da corporeidade negra na cidade do Rio de Janeiro*

equipamentos urbanos -, geram, através de seu segregatório *modus operandi*, uma dicotomia centro-periferia que privilegia o desenvolvimento financeiro da elite em detrimento da sociedade como um todo. Os corpos negros somente se tornam habitáveis em áreas urbanas embranquecidas e são passíveis de serem aceitos, quando socialmente dominados e controlados.

A metrópole carioca não é nem deseja ser acessível a todos de maneira igualitária, os espaços privilegiados devem permanecer destinados a classes e raças específicas. Estes espaços se encontram cada vez mais restritos e inacessíveis. O negro, assim como o pobre, longe dos espaços designados a ele é considerado um risco a ordem pública. A cidade deixa de ser abrigo e se constitui como lugar do medo racializado “que em nome da segurança estabelecem atitudes preventivas que difundem preconceitos, estigmas, estereótipos racistas e classistas” (OLIVEIRA, 2014, p. 87). Os corpos negros se tornam ameaças em potencial que exigem controle e vigilância constante.

Apoiado na lógica e reprodução do discurso de risco e desordem, o medo urbano é gerado e alimenta a implementação de ações de limpeza étnico-racial, e interfere na circulação e uso dos espaços. Com o passar do tempo crescem o número dos condomínios fechados, com muros que garantem a segurança dos moradores, assim como o uso de grades e sistemas de segurança. Tal imaginário e práticas determinam quais cores são aceitáveis na cidade e justificam a segregação e violência imposta sobre determinados corpos. A partir de padrões racializados é determinado quais corpos podem circular em determinados espaços públicos (OLIVEIRA, 2014).

O corpo negro: corpo-resistência

Os corpos e a corporeidade negra se configuram enquanto meios de controle e emancipação se estendendo do período colonial até os dias atuais. O corpo negro traz consigo histórias de resistências mediante as constantes afirmações e revalorizações construídas diariamente no processo afrodiaspórico. Táticas e mecanismos são incessantemente criados e recriados perante os diferentes processos de apagamentos e invisibilizações raciais.

Cunha, *Corpos indóceis: reflexões acerca da corporeidade negra na cidade do Rio de Janeiro*

Nossos primeiros pensamentos relacionados aos processos diaspóricos e deslocamentos realizados pelos povos negros que atravessam as construções aqui propostas nos aproximam de um diálogo com Ratts (2007), que em sua leitura acerca de Beatriz Nascimento, afirma que além da memória, o corpo negro se constitui enquanto bagagem e ressalta que: “Para Beatriz Nascimento, o principal documento dessas travessias, forçadas ou não, é o corpo. Não somente o corpo como aparência – cor da pele, textura do cabelo, feições do rosto – pelas quais negras e negros são identificados e discriminados” (RATTS, 2007, p.68), mas se constituem enquanto significados e memórias. É o corpo negro que se redefine e determina o que é ser negro diante da “‘perda da imagem’ que atingia os (as) escravizados (as) e da busca dessa (ou de outra) imagem perdida na diáspora” (RATTS, 2007, p.65). À vista disto, nos debruçamos sobre as identidades, símbolos e relações estabelecidas pelos corpos negros na cidade do Rio de Janeiro.

A diáspora presente nas performances e articulações dos sujeitos em busca da reversão do colonialismo, ainda socialmente presente, provoca e questiona novos rearranjos sociais. As apropriações, simbólicas e concretas, exercidas por sujeitos e grupos negros geram a (re)inserção dos corpos segregados e marginalizados na cidade. Novas dinâmicas e valores são atribuídos a essas localidades, que passam a se caracterizar como pontos de encontro, sociabilidade e solidariedade das populações negras.

O corpo negro, receptor e destino das principais negações, instrumento de resistência à escravidão e as imposições socioculturais, tem em suas partes o inimigo a ser controlado e combatido. É corpo interdito que aglutina fragmentos de um ser sitiado. Diante das diferentes metamorfoses do racismo a dominação e o silenciamento se apresentam enquanto os recursos mais cruéis que incidem sobre o corpo negro. Nesse sentido, “[...] a boca torna-se o órgão da opressão por excelência, ela representa o órgão que os (as) brancos (as) querem – e precisam – controlar e, conseqüentemente o órgão que, historicamente, tem sido severamente repreendido” (KILOMBA, 2019, p. 33). Não só a boca que exerce o poder da fala, mas os gestos, os ritmos, as práticas e o próprio corpo são elementos que tendem a ser controlados e domesticados.

Cunha, *Corpos indóceis: reflexões acerca da corporeidade negra na cidade do Rio de Janeiro*

Os resquícios do passado escravagista ainda se fazem presentes, vivemos atrelados a um padrão europeu, que gera o desconforto das pessoas negras com seu próprio corpo. Em uma sociedade baseada no eurocentrismo, caracterizada pelo mundo branco, e as dificuldades de produção e desenvolvimento de esquemas corporais, o corpo negro traz consigo uma existência tripla que o responsabiliza pelo seu corpo, pela sua raça e seus ancestrais.

Na sociedade brasileira “Ser negro é ser violentado de forma constante, contínua e cruel, sem pausa ou repouso, por uma dupla injunção: a de encarar o corpo e os ideais de Ego do sujeito branco e a de recusar, negar e anular a presença do corpo negro.” (SOUSA, 1983, p.2). O corpo branco é instituído como modelo de identidade a ser seguido.

As práticas de vigilâncias, controle e o embranquecimento sobre os corpos negros se fazem constantes. Nas Américas o negro necessitou se embranquecer para se tornar gente, somente assemelhado ao branco ele encontrava sua humanização. Por diversas vezes, o sujeito negro criou aversão a sua cor e ao corpo, originando a destruição da sua própria identidade. O controle e apagamento da negritude se tornam socialmente recorrentes e naturalizados.

Implicações que foram e são transformadas em ações de resistência criam lugares e corporeidades negras nas metrópoles, mediante reivindicações da visibilidade do corpo e suas práticas culturais. A inserção e os desdobramentos da cultura negra nos espaços urbanos produziram uma infinita diversidade de expressões culturais no continente americano. Diante das regulações impostas aos espaços urbanos e corpos negros, nosso olhar se direcionou para os tipos de corpos e corporeidades elaborados por esses sujeitos.

Identificamos e destacamos corpos negros emancipados. Aqueles que reafirmam e buscam as raízes afrodiáspóricas, que buscam reverter e se reinventar diante das tentativas de apagamentos e invisibilizações sociais construídas historicamente, que utilizam a esfera pública como meio de evidenciar e se apropriar dos espaços urbanos interditos. Evidenciamos as potencialidades dos corpos negros mediante a cultura, Cunha, *Corpos indóceis: reflexões acerca da corporeidade negra na cidade do Rio de Janeiro*

particularmente na música. Já que esta se apresenta como um meio de expressão e resistência negra na diáspora.

Tomamos a musicalidade negra, em especial o samba, como uma das ferramentas para nos auxiliar nesta construção e na reflexão das identidades e símbolos que constituem e transformam a cidade mediante as produções e heranças estabelecidas pelos povos negros em diáspora. O samba, na cidade do Rio de Janeiro, se caracteriza por gerar encontros, a princípio, de grupos negros, por reunir a história da escravidão negra e suas práticas musicais. Ele se configura como veículo de luta e laços de solidariedade, que gera lugares de reunião, que se tornam abrigos. Estratégia de resistência musical diante a marginalização e segregação dos negros, como afirma Sodré (1998):

Nos quilombos, nos engenhos, nas plantações, nas cidades, havia samba onde estava o negro, como uma inequívoca demonstração de resistência ao imperativo social (escravagista) de redução do corpo negro a uma máquina produtiva e como uma afirmação de continuidade do universo cultural africano. (SODRÉ, 1998, p.12)

O negro no Brasil foi capaz de resistir e de impedir que o seu corpo se tornasse uma máquina coisificada. O samba já não se configurava somente como expressão musical, mas como veículo de luta para a afirmação da etnia negra no quadro da vida urbana brasileira (SODRÉ, 1998).

Levando-se em consideração que o momento posterior a abolição os povos negros encontraram profundas dificuldade econômicas, políticas, sociais, psicológicas, além da perpetuação da desqualificação da sua cor, cultura, costumes, comportamento, religião e detrimento da cultura branca. O samba se caracteriza como um dos elementos da resistência cultural negra, ferramenta de permanência e afirmação dos valores culturais negros. Sodré (1998) acredita que

[...] desde a segunda metade do século XIX, começaram a aparecer no Rio de Janeiro, sede da Corte Imperial, os traços de uma música urbana brasileira - a modinha, o maxixe, o lundu, o samba. Apesar de suas características mestiças (misto de influências africanas e européias), essa música fermentava-se

Cunha, *Corpos indóceis: reflexões acerca da corporeidade negra na cidade do Rio de Janeiro*

realmente no seio da população negra, especialmente depois da Abolição, quando os negros passaram a buscar novos modos de comunicação adaptáveis a um quadro urbano hostil. (SODRÉ, 1998, p. 13)

Este se constitui como um elemento de resistência cultural e autorrepresentação dos povos em diáspora. Traçando caminhos que questionam e se opõem a ideologia dominante, “o corpo exigido pela síncope do samba é aquele mesmo que a escravidão procurava violentar e reprimir culturalmente na História brasileira: o corpo do negro” (SODRÉ, 1998, p. 11). A fala, assim como a dança, integra e perpetua as origens de povos negros em diáspora. São as insurgências culturais, as expressões dos corpos e suas práticas que nos concebem a pluralidade dos lugares significados pelos grupos afrodiaspóricos.

Exemplar forjado pela cultura negra e pelo samba, abrigo da ancestralidade e memórias vivas, a “Pequena África”⁴, localizada na metrópole carioca, reuniu uma grande concentração de negros e negras de diferentes partes da África e seus descendentes. Estes, oriundos de outras localidades do Brasil, outros países, e os que aqui se encontravam, residiam na Gamboa, Saúde e Santo Cristo, bairros da Zona Portuária do Rio de Janeiro, acabaram por constituir laços afetivos e de resistência. Local que se caracteriza enquanto referência da cultura carioca, que ao longo da história é reconhecido por reunir eventos e pessoas. Forjado pela cultura negra, abrigo da ancestralidade e memórias vivas, que revive sambas antigos e encontros de grandes sambistas nacionais.

A musicalidade negra acaba por gerar uma subversão e resistência as imposições e ao esvaziamento dos grandes centros. Nas metrópoles constituídas para atender as demandas do capital e das classes hegemônicas, onde o planejamento, a organização e as aplicações dos aparatos técnicos do urbano estão vinculados diretamente ao valor de troca, e não ao valor de uso das cidades, as rodas de samba se configuram como uma expressão oposta a esta lógica. Ao produzirem além da sociabilidade, a integração das

⁴ Terno empregado por Heitor dos Prazeres a área que se estendia da zona do cais do porto até a Cidade Nova, tendo como capital a praça Onze na cidade do Rio de Janeiro, habitadas, majoritariamente, por negros cariocas e migrantes (MOURA, 1995).

Cunha, *Corpos indóceis: reflexões acerca da corporeidade negra na cidade do Rio de Janeiro*

idades e dos sujeitos, tornando o espaço público mais plural e agregador de diferentes grupos sociais e raciais este elemento se torna um construtor de lugares e formas de resistência e reexistência da cultura diáspora africana.

Ao longo da pesquisa concebemos o lugar mediante as perspectivas dos sujeitos que lhes dão significado. Resgatamos Tuan (1983) ao afirmar que os principais fundamentos da organização espacial são constituídos pela postura e estrutura do corpo humano e as relações entre as pessoas. Os seres humanos são resultado da sua experiência íntima com seu corpo e com outras pessoas, os locais são organizados a fim de conformá-lo a suas necessidades biológica e relações sociais. Nas palavras de Serpa (2019) eles ressignificam as localidades onde atuam e efetivam no cotidiano dessas áreas diversas táticas de uso e apropriação que são reveladas por meio de práticas sociais específicas.

As relações coloniais ganham forma no cotidiano, os males sofridos pelo corpo negro na metrópole contemporânea é reflexo das memórias da escravidão, do colonialismo, da objetificação e animalização do negro. No qual o passado e presente se cruzam criando um cenário conflituoso onde o corpo negro se torna catalizador e conector de diferentes espaços e temporalidades (BHABHA, 1998).

No processo afrodiaspórico, o corpo negro que se expõe para o mundo, que cria e recria laços ancestrais, que ocupa a cidade mediante a sua arte se transforma em um ato político, em resistência. O corpo transformado em um instrumento de resistência busca se desvincular dos grilhões perpetuados diante da servidão colonial que insiste em pesar sobre seus corpos, limando sua liberdade.

Considerações Finais

Acreditamos que expressões da diáspora negra presente nas performances e articulações em busca da reversão do colonialismo, ainda socialmente presente, questionam e provocam novos rearranjos sociais. As apropriações, simbólicas e concretas, exercidas por sujeitos e grupos negros geram a (re)inserção dos corpos segregados e marginalizados na cidade. Novas dinâmicas e valores são atribuídos a essas

Cunha, *Corpos indóceis: reflexões acerca da corporeidade negra na cidade do Rio de Janeiro*

localidades, que passam a se caracterizar como pontos de encontro, sociabilidade e solidariedade das populações afrodiáspóricas.

Unimos temáticas que envolvem a construção do ser, da identidade negra, expressões culturais geradas pelos grupos negros em diáspora e as experiências decorrentes do racismo. Estas marcadas por reivindicações da visibilidade do corpo e suas práticas culturais nos espaços metropolitanos. Estabelecemos questionamentos que se voltam para o entendimento de como negros e negras são situados, se situam e as dificuldades que enfrentam para elaborarem seus esquemas corporais em uma sociedade permeada por heranças de um sistema colonial.

Os sujeitos negros criam sua existência e reexistência mediante o surgimento de formas alternativas de conceber e viver os lugares. Diante da hostilidade metropolitana e das diferentes formas de violência que recaem sobre o corpo negro, a música se configura enquanto uma das expressões da subjetividade performática do negro. Onde o corpo, gestos e práticas se constituem em uma complexa forma de elaborar comunicação e conhecimento, resistência e perpetuação ancestral.

Diante da intensificação do racismo estrutural, novos horizontes devem ser delineados na luta antirracista mediante o uso do corpo como principal meio de uso e apropriação dos espaços metropolitanos. Nesse sentido, nos cabe uma aproximação cada vez maior com uma geografia sensível e atenta a pluralidade dos usos do urbano. Em busca da valorização das formas de resistência que insurgem mediante as práticas de sujeitos invisibilizados e silenciados.

Nossa intenção ao longo desta análise foi elaborar um diálogo de saberes múltiplos por meio de uma leitura mais sensível do urbano. Intermediado pela valorização da subjetividade das ações e dos pequenos sinais de resistência ao reconhecer a sensibilidade do outro e suas formas de expressar as contrarracionalidades. Reconhecemos e abrigamos novos discursos e novas grafias do e para o espaço geográfico em prol da exaltação da pluralidade de outras propostas de cidades, e de vozes que seguem suas jornadas juntas na luta por uma sociedade menos submissa e

Cunha, *Corpos indóceis: reflexões acerca da corporeidade negra na cidade do Rio de Janeiro*

segregadora. Onde os sujeitos se tornem protagonistas da sua própria trajetória e que seus corpos vivenciem e sejam abrigados por horizontes mais igualitários.

Referências

- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- CHAVEIRO, Eguimar Felício. Corporeidade e lugar: Elos da produção. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia. (orgs.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014. pp. 249-279.
- CIRQUEIRA, Diogo Marçal. **Entre o corpo e a teoria: a questão étnico-racial na obra e na trajetória socioespacial de Milton Santos**. 2010. 161 f., Dissertação (Mestrado em Geografia)–Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Geografia (IESA), Universidade Federal de Goiás, 2010.
- CLAVAL, Paul. “A volta do cultural” na geografia. **Mercator - Revista de Geografia da UFC**, ano 01, número 01, 2002.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- _____. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador, EDUFBA, 2008.
- GUIMARÃES, Geny Ferreira. **Rio Negro de Janeiro: olhares geográficos de heranças negras e o racismo no processo-projeto patrimonial**. Salvador: Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Instituto de Geociências da Universidade Federal da Bahia, 2015.
- _____. O conceito de lugar no processo-projeto patrimonial negro-brasileiro. In COSTA, Carmem Lúcia (orgs.). **Gênero e diversidade na escola: espaço e diferença: abordagens geográficas da diferenciação étnica, racial e de gênero**. Goiânia: Gráfica UFG, 2018. pp. 99-113. Disponível em: <<https://publica.ciar.ufg.br/ebooks/genero-e-diversidade-na-escola/conteudo/parte3/01.html>> Acesso em 17 nov. 2021.
- _____. Espacialidades de corpos negros no Rio de Janeiro. In OLIVEIRA, Anita Loureiro de.; SILVA, Catia Antonia da (orgs.). **Metrópole e crise societária**. Rio de Janeiro: Consequência, 2019. pp. 85-99.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Atlas da violência 2020**. Brasília: IPEA, 2020.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

Cunha, *Corpos indóceis: reflexões acerca da corporeidade negra na cidade do Rio de Janeiro*

- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2 ed São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 edições, 2018.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. (trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura). São Paulo: WMF Martins Fontes, 1999.
- OLIVEIRA, Denilson Araújo de. Inscrição espacial do racismo e do antirracismo: A 'Pequena África' como forma espacial de descolonização da área central e portuária do Rio de Janeiro. **XIII Enanpege - Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia**. São Paulo: USP, 2019. Disponível em <http://www.enanpege.ggf.br/2019/resources/anais/8/1562918726_ARQUIVO_INSCRICAOESPACIALDORACISMOEDOANTIRRACISMO-DENILSONARAUJODEOLIVEIRA.pdf> Acesso em 18 nov. 2021.
- QUIJANO, Anibal. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.
- _____. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura; MENEZES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.
- RATTS, Alex. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Instituto Kuanza/Imprensa Oficial, 2007.
- RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia. (orgs.). **Qual o espaço do lugar? Geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2014. pp. 17-32.
- RIBEIRO, Ana Clara Torres et al. Por uma cartografia da ação: pequeno ensaio de método. **Cadernos IPPUR**, Rio de Janeiro, ano 1, n.1 pp. 33-52. jan./abr. 1986.
- SERPA, Angelo. **Por uma geografia dos espaços vividos: geografia e fenomenologia**. São Paulo: Contexto, 2019.
- SODRÉ, Muniz. **Samba, o dono do corpo**. 2 ed Rio de Janeiro: Mauad, 1998.
- SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. 2 ed Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência** (trad. Livia de Oliveira). São Paulo: DIFEL, 1983.

Data da Submissão: 16/04/2021

Data da Avaliação: 27/10/2021

Cunha, *Corpos indóceis: reflexões acerca da corporeidade negra na cidade do Rio de Janeiro*